

**“A SAIA VERDE ESTÁ NA PONTA DA ESCADA!”:
AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO
DIÁRIO DOS CAMPOS A RESPEITO DO
INTEGRALISMO EM PONTA GROSSA***

NILTONCI BATISTA CHAVES**

Preliminares

Ao publicar seu Manifesto, a 7 de outubro de 1932, o Integralismo despontou como um dos mais complexos e intensos movimentos sociais e políticos no Brasil da década de 1930.

Rapidamente o Movimento estruturou núcleos de ação em diversas capitais brasileiras, bem como em inúmeras outras cidades, principalmente no Centro-Sul do país. Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso caracterizaram-se como principais lideranças do Movimento.

A publicação de textos, tanto por meio da imprensa como pelas obras de cunho doutrinário¹, caracterizou-se como uma das principais estratégias dos integralistas para divulgação de suas diretrizes. Em seguida vieram os comícios, os atos públicos, as passeatas.

* Este trabalho é uma adaptação de um item pertencente ao terceiro capítulo da Dissertação de Mestrado do autor, “O Diário dos Campos: Discursos e Representações Sociais em Ponta Grossa (Paraná) - Década de 1930”.

** Professor Assistente do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹ Entre as obras escritas pelos intelectuais integralistas destacam-se: “O que é Integralismo” (1933), “A Quarta Humanidade” (1934), “Palavra Nova dos Tempos Novos” (1935), “Doutrina do Sigma” (1936) e “Páginas de Combate” (1937) todos de autoria de Plínio Salgado. De Miguel Reale: “A posição do Integralismo” (1933), “Perspectivas integralistas” (1935) e “ABC do Integralismo” (1935). A obra doutrinária mais destacada de Gustavo Barroso foi “Brasil - Colônia de Banqueiros” (1934).

Décio Szvarça e Maria Lúcia Cidade², ao discutirem a rápida expansão do Integralismo no sul do Brasil, compreendem que o contexto fascistizante pelo qual passava o mundo na década de 1930 favoreceu a elaboração, reprodução e disseminação de idéias autoritárias, que no caso do Brasil tiveram no Integralismo seu principal expoente.

A análise de Francisco Martins de Souza³ destoa da visão que explica o Integralismo como sendo mera reprodução dos modelos autoritários europeus, e afirma que esta visão constitui uma tese flagrantemente errônea. Para Martins de Souza, a excessiva atenção dada aos “cacoetes fascistas” - a camisa verde, o sigma, o Anauê -, adotados pelos integralistas, fez com que muitos analistas se preocupassem mais com os aspectos exteriores do movimento do que com suas raízes.

Martins de Souza afirma que é necessário, para compreensão exata do Movimento, reconstruir os vínculos entre o Integralismo e as correntes políticas em voga no Brasil do início do século XX. Segundo ele, o ano de 1922 se constituiu em um marco da tomada de consciência por parte de muitos intelectuais no que diz respeito aos problemas que se colocavam à sociedade brasileira diante do contexto internacional. A estética, a ética, a situação político-moral, foram temas que motivaram vários intelectuais à tentativa de sintetizar anseios e perspectivas da sociedade nacional. Escreveu:

Nesse panorama aparece o idealizador de um movimento que pretende alcançar a profunda alma nacional e chegar à totalidade do conhecimento e das necessidades e soluções dos problemas mais gerais: É a figura de Plínio Salgado. É pela via intuitiva que interpretará a realidade nacional procurando sintetizar os conhecimentos produzidos e reunidos de forma a integrar todos os setores da atividade social. Esta integração do conhecimento geraria como projeção de sua própria atividade intelectual uma doutrina ou ideologia - o Integralismo.⁴

Nascido em São Bento do Sapucaí (SP) em 1895, filho de um chefe político local, defensor ardoroso do nacionalismo, e de uma professora normalista, Plínio Salgado descendia, pelo ramo paterno de um português absolutista e de uma brasileira proveniente de família tradicional paulista, e, pelo ramo materno, de um político do Partido Conservador do

² SZVARÇA, Décio & CIDADE, Maria Lúcia. 1955: “O voto ‘verde’ em Curitiba” *In História: Questões & Debates*. Curitiba, APAH, Jun-Dez, 1989.

³ SOUZA, Francisco Martins de. “O Integralismo” *In Evolução do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo, Editora da USP, 1989.

⁴ *Idem*, p. 316.

Império e de uma brasileira filha de um médico e militar alemão que, por motivos políticos, emigrou para o Brasil no século XIX. Em sua formação pessoal, Plínio Salgado recebeu valores, como o nacionalismo, o autoritarismo e o cristianismo, que aparecerão como elementos centrais nas idéias que defendeu ao longo de sua vida pública.⁵

No início da década de 1910 tomou contato com filósofos do século XIX. Leu Lamarck, Le Bon, Marx, Feuerbach, entre outros. Tomou contato com a literatura francesa, inglesa, alemã e brasileira. Em 1918, foi atingido pela gripe espanhola quando concluía a leitura da obra de Herbert Spencer. Durante sua recuperação descobriu as obras de Farias de Brito e depois interessou-se por Jackson de Figueiredo. A partir daí, traçou novos rumos às suas leituras.

Em 1919 fundou o Partido Municipalista. Nesse mesmo ano publicou artigos e contos na “Revista do Brasil”, de Monteiro Lobato. Em 1920 mudou-se para São Paulo e ingressou no Correio Paulistano. Em 1922 participou do Movimento Modernista e da Semana de Arte Moderna.

No ano de 1926 escreveu “O Estrangeiro”, romance de caráter policial no qual discutiu questões morais, o papel dos intelectuais na sociedade e sobretudo a ação corrosiva do comunismo. Dois anos mais tarde elegeu-se Deputado por São Paulo. Apoiou Júlio Prestes em 1930. Após a chegada de Vargas ao poder, Plínio Salgado viajou para a Europa, onde observou as transformações políticas e ideológicas em vigor naquele continente.

De volta ao Brasil, em 1932, fundou a Sociedade de Estudos Políticos, e em outubro do mesmo ano lançou o Manifesto que deu origem à Ação Integralista Brasileira. Em 1935 iniciou uma peregrinação pelo país visando à presidência da República. Com a implantação do Estado Novo

⁵ O pai de Plínio Salgado chamava-se Francisco das Chagas Esteves Salgado. Os avós paternos de Plínio eram: Manoel Esteves da Costa, português de Vizeu que estudou humanidades em Coimbra, absolutista partidário de D. Miguel, veio para o Brasil por motivos políticos; Mariana Salgado Cesar, descendente de portugueses e de uma antiga família paulista. A mãe de Plínio Salgado chamava-se Anna Francisca Rennó Cortez. Os avós maternos de Plínio Salgado eram: Antônio Leite Cortez, professor, político do Partido Conservador do Império, de origem espanhola; Mathilde Sophia Rennó, filha do médico alemão João Rennó de França, que foi oficial da cavalaria de Baden e emigrou para o Brasil no primeiro quarto do século XIX, provavelmente por motivos políticos. Trouxe recursos com os quais viajou por todas as províncias. Depois de percorrer todo o norte do país e adquirir numerosos escravos, que trouxe para o sul, fixou-se como agricultor em Curitiba, então comarca de São Paulo.

e com a frustrada Intentona de 1938, foi preso e exilado em Portugal. Retornou ao país no final do Estado Novo.

Segundo Martins de Souza, os temas com os quais Plínio Salgado se envolveu nas décadas de 1920 e 1930 foram: o nacionalismo, a doutrina social da Igreja, a falência do liberalismo, a questão da ordem e da autoridade, a busca de formas alternativas de organização do Estado que não se prendessem ao binômio liberalismo-totalitarismo.

Quanto ao nacionalismo, Salgado inspirou-se em Alberto Torres, identificando o nacionalismo como sentido essencial de independência, pelo qual tornara-se possível gerar um pensamento baseado na realidade brasileira. Partia da reflexão da realidade e dos problemas nacionais e buscava conceber uma filosofia brasileira.

Esta vertente nacionalista conjugava-se com outra de grande importância, a do conservadorismo católico. Salgado constituiu-se num defensor das idéias por algumas figuras ligadas à Igreja Católica Brasileira, como D. Sebastião Leme e Jackson de Figueiredo.

Ao longo das duas décadas iniciais do século XX, a Igreja Católica, buscou recuperar o espaço que considerava ter perdido desde a proclamação da República, a qual ocorreu sob forte influência do positivismo e voltada para a laicização do Estado. Nesse contexto destacou-se a figura de D. Sebastião Leme, sobre quem Carlos Jamil Cury escreveu:

Em 1916, D. Sebastião Leme publica uma Pastoral que se tornou célebre uma vez que propunha uma ação decisiva e operante com o fim de alterar as bases agnósticas e laicistas do regime. Atribuindo a subsistência do catolicismo na sociedade brasileira à tese de religião própria do 'caráter nacional' entranhada na terra, no povo, nas elites, reivindica o retorno de certos privilégios como o ensino religioso e reconhecimento da parte do Estado como 'nação católica'. Também propõe a formação de uma elite capaz de exercer influências na recristianização das elites, atacadas pelos males da civilização burguesa e liberal, e na mobilização dos leigos em favor das teses católicas.⁶

O conservadorismo católico constituiu-se numa das principais vertentes do pensamento pliniano. A pregação de Plínio Salgado em prol da estruturação da sociedade com base no binômio ordem e autoridade, origina-se a partir do Centro Dom Vital, mais especificamente do pensamento de Jackson de Figueiredo. A defesa do corporativismo, feita por Plínio Salgado está assentada nas idéias então em voga. Pode-se afirmar

⁶ CURY, Carlos Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira. Católicos e Liberais**. São Paulo, Cortez, 1988, p. 15.

que está inspirada no pensamento católico após a Rerum Novarum de Leão XIII. Diversos intelectuais ligados a Igreja demonstraram simpatia pela AIB. D. Hélder Câmara, Bispo de Recife e D. João Becker, Bispo de Porto Alegre, são exemplos de destacadas figuras do clero brasileiro que defenderam abertamente o Movimento Integralista.

O Manifesto de Outubro de 1932, concebido por Plínio Salgado, preconiza o Estado como órgão voltado para a realização dos anseios de toda a sociedade, e como instituição ético-jurídico-política destinada a manter e modernizar as demais organizações sociais. Além disso, cabia ao Estado garantir os direitos individuais, sempre considerando o bem comum. Ainda de acordo com o Manifesto, os direitos individuais e coletivos vinham sempre acompanhados pelos deveres, essenciais para a ordenação social.

Ao incorporar valores como a ordem e a autoridade, inicialmente defendidos pelo conservadorismo católico, Plínio Salgado qualificou-se para atrair tanto segmentos da elite, como da massa de católicos espalhados por todo país.⁷

Francisco Martins de Souza analisa assim tal situação:

A partir da pregação de Jackson de Figueiredo, nos anos vinte, o tradicionalismo católico muda inteiramente de figura. Primeiro faz uma profissão de fé republicana. Segundo, levanta uma bandeira efetivamente aglutinadora da sociedade: a bandeira da Ordem e da Autoridade. Não se fala mais em colocar a Igreja no centro da vida social. Esse será o seu lugar natural numa sociedade estruturada sob a égide da Ordem e da Autoridade. A pregação de Jackson foi estimulada por D. Sebastião Leme que desde a Pastoral lançada de Olinda, em 1916, vinha se tornando o líder natural dos bispos católicos, liderança que tornaria um direito com a sua ascensão ao cardinalato e ao Arcebispado da Capital da República. Alcançou, além disto, grande repercussão entre intelectuais brasileiros que, em grande número e a exemplo do próprio Jackson, converteram-se ao catolicismo. Plínio Salgado cuidara de tornar-se o herdeiro natural dessa tradição. Sua linguagem, como vimos nos textos analisados, é bíblica. Sua mensagem é no sentido de proclamar que o cristianismo é que dá sentido ao processo civilizatório. Seu apelo é em

⁷ É importante salientar que, a população de Ponta Grossa nesse período, de acordo com o Censo de 1940, era majoritariamente composta por católicos (+92%), portanto, compreendendo-se uma aproximação do discurso de Plínio Salgado com o discurso então praticado pela Igreja Católica, fundamentado no binômio ordem e autoridade, conclui-se que potencialmente a população católica local constituía-se em um público alvo potencial para as aspirações integralistas.

prol da Ordem e da Autoridade como ensinara o tradicionalismo católico.⁸

Ao longo da década de 1930 observa-se a aproximação entre os integralistas e os setores mais conservadores da Igreja Católica brasileira. No entender de Sérgio Micelli⁹, 1935 aparece como ano chave desta década no que diz respeito a tomada de posições político-partidárias e ideológicas do país. No final deste mesmo ano, a Intentona Comunista e sua repressão imediata significaram o fechamento de espaço às forças populares emergentes.

A ala da Igreja Católica liderada por D. Sebastião Leme e D. João Becker, que tinha no “comunismo ateu” seu maior inimigo, não hesitou em posicionar-se a favor dos movimentos contrários a ele. O Integralismo ganha mais força a partir de então.¹⁰

Valores defendidos pela Igreja, como a defesa da ordem social, a negação as transformações sociais radicais, o respeito à ordem e à autoridade, contribuíram para a aproximação entre figuras da Igreja Católica e o Integralismo.

A aproximação entre a Igreja e o Movimento Integralista começou a se desfazer em 1937, quando foi implantado o Estado Novo. A partir desse momento o discurso assumido pela Igreja, e que se manteve até o final da década, foi de obediência às autoridades e de conservação da ordem política instaurada.

Além da vertente liderada por Plínio Salgado que se baseou na figura pessoal de seu criador, no nacionalismo, no autoritarismo, no corporativismo e nos valores do conservadorismo católico, identificam-se outras duas. Uma liderada pelo jurista Miguel Reale, que procurou sistematizar uma socialização humanística ideal e que acreditava que o Integralismo era proveniente da meditação dos problemas brasileiros e não mera reprodução de fenômenos externos. Outra liderada por Gustavo Barroso,

⁸ SOUZA, Francisco Martins de. “O Integralismo”, p. 338.

⁹ MICELLI, Sérgio. 1935 – “1937: A Igreja e o debate ideológico” In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, DIFEL, 1985.

¹⁰ Eric Hobsbawm (A Era dos Extremos) afirma que a visão predominante da Igreja Católica em todo mundo na década de 1930 pressupunha uma sociedade estruturada na hierarquia e no corporativismo. Segundo ele, os valores reacionários consagrados pelo I Concílio Vaticano de 1870 eram predominantes. Para Hobsbawm, não é correto afirmar que a Igreja enquanto instituição era fascista, mas a doutrina do “Estado corporativo”, foi em grande parte elaborada em círculos fascistas. Conclui que na década de 1930, o que ligava a Igreja aos reacionários anacrônicos e aos fascistas era o ódio comum ao Iluminismo e à Revolução Francesa e por tudo que na sua opinião deles derivava: democracia, liberalismo e principalmente o “comunismo ateu”.

intelectual cearense que aproximou-se de autores europeus ligados ao nacional-socialismo alemão e principalmente ao pensamento anti-semita, tendo como motivação a questão econômica e não a racial.

É na soma dos valores defendidos por Salgado, Reale e Barroso que encontram-se as razões e lógicas internas que motivaram a criação do Integralismo no Brasil. Não se pode negar a existência de várias semelhanças entre o Integralismo e tais modelos, mas seria exagerado condicioná-lo a situação de simples reprodução de fenômenos internacionais.

A Intentona de 1938 configurou-se no último grande ato dos “camisas verdes” na cena política nacional. Relegados à ilegalidade, o Movimento oficialmente se desfez; contudo, admiradores e seguidores continuaram a defender os valores apregoados por Salgado, Reale e Barroso¹¹.

Em 1955 Plínio Salgado concorreu a presidência da República, obtendo expressiva votação no Paraná, conforme escrevem Szvarça e Cidade:

No Brasil, a maioria dos votos elege Juscelino. No Paraná Adhemar é quem obteve a maioria e em Curitiba, Plínio Salgado, ex-chefe nacional da Ação Integralista Brasileira - AIB, expressão acabada do pensamento autoritário aqui produzido, é o candidato mais votado, inclusive em vários municípios do interior, recebendo ponderável votação no Estado.¹²

Ponta Grossa foi a cidade do interior do Paraná onde Salgado obteve os melhores resultados: 34,4% dos eleitores da cidade votaram no líder integralista.

Os resultados numéricos da eleição presidencial de 1955 demonstram a influência que o pensamento e a figura de Plínio Salgado exerceram no Paraná da década de 1930. Em Ponta Grossa, principal cidade do interior do Estado neste decênio, registrou-se a presença de um atuante núcleo integralista que deixou marcas profundas no cotidiano local.

¹¹ A Ação Integralista Brasileira voltou a ativa recentemente. Respeitando todos os ideais da instituição tal qual ela foi concebida na década de 1930, a AIB concentra suas ações principalmente no estado de São Paulo. Suas diretrizes e inspirações continuam se sustentando nas idéias de autoridade e nacionalismo.

¹² SZVARÇA, Décio & CIDADE, Maria Lúcia. 1955: “O voto ‘verde’ em Curitiba”, p. 182.

O Integralismo em Ponta Grossa

A partir de 1932 o Integralismo espalhou-se por todo país, conseguindo um número crescente de seguidores. O sul do Brasil apresentou-se como a região onde concentraram-se os maiores núcleos camisas verdes. No Paraná o Integralismo encontrou facilidades para se difundir nas principais cidades do Estado, como Curitiba, Ponta Grossa e Guarapuava, e também em outras de menor expressão como Ipiranga, Reserva, Tibagi e Teixeira Soares, todas estas próximas a Ponta Grossa.

Ponta Grossa constituiu-se numa das cidades onde o Integralismo melhor se estruturou no Paraná. Com uma população predominantemente católica¹³ e majoritariamente urbana, a cidade também contava com numeroso contingente de italianos e alemães. De certa maneira, contribuiu também para o rápido avanço do Integralismo na cidade, a postura do Bispo local D. Antonio Mazzarotto. Ultramontano¹⁴, D. Antonio não emitiu nenhum posicionamento contrário ao Integralismo. Ao menos não se encontram críticas do referido Bispo ao Movimento, nem em suas declarações na imprensa local, nem em suas Cartas Pastorais. Apenas em 1939, momento em que a Igreja Católica abertamente apoiou o Estado Novo, Dom Antonio Mazzarotto expõe, em uma Carta Pastoral, sua contrariedade ao Movimento Integralista. Escreveu:

Ao contágio do mal de outros tempos bastava, para preservar os cristãos, oppôr uma piedade ordinaria. Ao virus actual que, com uma violencia centuplicada, rompe no nazismo neopagão, no communismo atheo e em nacionalismos exaggerados que o Santo Padre chama de maldição, se deve contrapôr uma exuberancia de seiva vital mais energica. São necessarios apóstolos animados inteiramente de intensa vida interior, obreiros evangelicos que, ao mesmo tempo que os preserva dos mi-
asmas do erro e do escandalo, lhes abraza os corações de zelo ardente, activo, generoso e pratico.¹⁵

¹³ De acordo com números apresentados pelo estudo “O Povo Faz a História”, realizado por historiadores da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na década de 1930, mais de 90% da população pontagrossense era católica.

¹⁴ O ultramontanismo constituiu-se numa orientação da Igreja Católica Romana no sentido de um retorno à centralização da autoridade do Papa, que no caso do Brasil é seguido a partir da proclamação da República, uma vez que durante o Império a Igreja Católica brasileira estava submetida as determinações do Imperador.

¹⁵ MAZZAROTTO, Dom Antonio. **Carta Pastoral**; Fevereiro de 1939. Curitiba, A Cruzada, 1939, p. 13.

Antes disso, o posicionamento de D. Antonio, se não pode ser compreendido como uma adesão, vinculação ou simpatia ao Integralismo, ao menos não representa contrariedade, tampouco oposição à participação dos católicos ponta-grossenses ao movimento liderado por Plínio Salgado.

Em Ponta Grossa organizou-se, logo em seguida da criação nacional da Ação Integralista Brasileira, um núcleo da entidade, o qual contou com três chefes e funcionou de modo bastante ativo até 1938, quando, após a fracassada intentona integralista, a AIB foi definitivamente extinta da vida política brasileira. De acordo com o jornal Diário dos Campos, por volta de meados da década, o núcleo local da AIB contava com mais de 500 filiados, além de um grande número de colaboradores e simpatizantes.¹⁶

Nas eleições municipais de 1935, dos 8 vereadores eleitos em Ponta Grossa, 4 deles pertenciam à Ação Integralista Brasileira, demonstrando a força da entidade na cidade.¹⁷

Além de sua sede principal, situada à Rua Santos Dumont, uma das mais movimentadas do centro de Ponta Grossa, os integralistas estruturaram sub-sedes nos principais bairros da cidade, sendo que a sub-sede da Nova Rússia (importante bairro industrial e comercial de Ponta Grossa nos anos 30), chefiada por Pedro Dihl (industrial descendente de alemães) e Waldemar Hoffmann (alemão de nascimento, ex-líder expulso do Partido Hitlerista de Ponta Grossa) destacou-se pela organização e pelo número de adeptos que arregimentou.

Criaram-se ainda duas revistas locais - *Invicta* e *A Razão* -, que abertamente faziam propagando do Movimento. Os Integralistas ponta-grossenses também montaram uma rádio, que funcionou com um sistema de alto-falantes que emitiam notícias e propagandas a respeito do Movimento. A “rádio verde” foi idealizada por Abílio Holzmann, comerciante pontagrossense, que fez do seu estabelecimento comercial, localizado à Rua XV de Novembro (principal avenida de Ponta Grossa na época) a sede da emissora. Fundada em 1937, a rádio foi extinta no final do mesmo ano quando da implantação do Estado Novo.

Assim como no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, formou-se uma milícia integralista em Ponta Grossa. Tal milícia teria até mesmo oferecido ajuda ao chefe de polícia de Ponta Grossa, Cel. Adolphito

¹⁶ De acordo com o Censo de 1920 a população de Ponta Grossa era de 20.171 habitantes. Por sua vez, o Censo de 1940 indica uma população de 38.417 habitantes.

¹⁷ Foram eleitos: Albino Wiecheteck, industrial; Olímpio de Paula Xavier, advogado; Antonio Dechandt, comerciante e Adelino Oliveira, contador.

Guimarães, na patrulha e no combate aos “subversivos” pontagrossenses.

Também na Intentona de 1938 registrou-se uma intensa participação dos Integralistas em Ponta Grossa. Dezenas deles acabaram presos; muitos outros refugiaram-se nas regiões interioranas próximas à cidade. Entre os integralistas presos em Ponta Grossa encontravam-se majoritariamente pessoas originárias de setores médios urbanos como alfaiates, jornalistas, industriais, comerciantes, oficiais de justiça, escriturários, bancários, advogados, farmacêuticos, telegrafistas, ferroviários, guardalivros, entre outros, o que, de certa maneira, comprova a afirmação de Eric Hobsbawm, de que as camadas médias constituíram o “cimento comum” dos movimentos de inspiração fascista, que, a exemplo do Integralismo, espalharam-se pelo mundo na década de 1930:

Essas classes médias conservadoras eram, está claro, defensoras potenciais ou mesmo convertidas do fascismo, devido à maneira como se traçaram as linhas de combate político no entre guerras. A ameaça à sociedade liberal e todos os seus valores parecia vir exclusivamente da direita; a ameaça à ordem social, da esquerda. As pessoas da classe média escolhiam sua política de acordo com os seus temores. Os conservadores em geral simpatizavam com os demagogos do fascismo e dispunham-se a aliar-se a eles contra o inimigo maior.¹⁸

“Sigmáticos” e “Verdolengos” nas páginas do “Diário dos Campos”

Ao analisar a participação da imprensa na vida social e política brasileira no início do século XX, Maria Helena Rolim Capelato¹⁹ afirmou que membros da imprensa que se destacaram nas décadas de 20 e 30, consideravam-se representantes de uma “elite bem pensante” e assumiam o papel de formuladores dos valores que deveriam ser introjetados pelos leitores. Segundo Capelato, tais valores fundamentavam-se na idéia de harmonia e felicidade da sociedade. Os jornalistas compreendiam-se como portadores da verdade e responsáveis pela eliminação dos erros e mentiras contidos no conjunto social.

¹⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos. O breve século XX 1914 - 1991*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, p. 126.

¹⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945)” *In Revista Brasileira de História* V. 2, nº 23 - 24. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. Set-91 - Ago-92.

Tal visão pode ser aplicada à figura de José Hoffmann, diretor-proprietário do Diário dos Campos²⁰, principal órgão de comunicação de Ponta Grossa, na década de 1930, e responsável pela redação da maior parte das matérias publicadas pelo jornal nesse período.

O jornal apresentava-se como um dos principais formadores de opinião na cidade e suas abordagens discursivas se caracterizavam por um posicionamento amistoso em relação ao conjunto social. Entretanto mostrava-se também, pronto à enfrentar grupos ou movimentos que destoavam de suas idéias.

O tom popularesco, beirando a demagogia; as críticas lançadas nas entrelinhas dos artigos contra políticos locais, foram marcas do jornal no período em questão.

Durante a década de 1930, o Diário dos Campos apresentou uma composição de seis a oito páginas, sendo que destas, cerca de duas páginas traziam anúncios diversos. Nesse período o jornal possuía agentes e correspondentes em diversas cidades do interior paranaense. Contava ainda com quatro repórteres em Ponta Grossa e recebia notícias nacionais e internacionais por meio do telégrafo.

A maioria dos grande estabelecimentos comerciais, de lazer (cine-teatros, bares, cafés, etc.) e industriais da cidade, além da própria Prefeitura Municipal, publicavam anúncios, decretos e mensagens no Diário dos Campos. Além destes, profissionais das mais variadas áreas ofereciam seus serviços no periódico.

As colunas “Notas Mundanas” e “Locaes” eram espaços destinados pelo Diário dos Campos para informar aos leitores sobre o cotidiano ponta-grossense. Informes sobre festas, nascimentos, mortes, mudanças e até mesmo cobranças pessoais, ocupavam as colunas citadas.

Desenhos, charges, cartuns e fotos eram publicados diariamente pelo jornal, indicando que as máquinas do Diário dos Campos eram compatíveis à tecnologia existente naquele momento histórico.

Os leitores do Diário dos Campos também possuíam um espaço reservado para opinar, reclamar ou criticar aquilo que era publicado pelo jornal, por meio da coluna “O que o povo reclama”. Desta forma estabelecia-se uma relação de reciprocidade e comprometimento entre o jornal e

²⁰ Em 1907, Jacob Holzmann fundou o jornal “O Progresso”, que em 1913 passou a se chamar Diário dos Campos nome com o qual permaneceu até seu fechamento em 1990. Em 1931 o jornal foi comprado por José Hoffmann que manteve-se como seu proprietário até 1962. Até o início década de 1940 o Diário permaneceu como único veículo de comunicação sistemático da cidade e configurou-se no seu mais importante fornecedor de informações e de discussão das questões locais.

seus leitores, acentuando a credibilidade do órgão junto a opinião pública local.

O Diário dos Campos marcou época na imprensa de Ponta Grossa. Para a historiadora ponta-grossense Aída Mansani Lavalle, o referido jornal era o veículo de comunicação mais respeitado pela população de Ponta Grossa, servindo como um importante referencial em épocas de campanhas políticas.²¹

Com base numa neutralidade aparente e revestido da condição de “portador da verdade”, à qual se refere Capelato, José Hoffmann por meio do Diário dos Campos emitiu opiniões e pareceres a respeito dos temas presentes na realidade cotidiana de Ponta Grossa. A existência de uma sociedade plural (composta por católicos, integralistas, imigrantes europeus, comunistas, maçons, espíritas, getulistas convictos, entre outros), levou o Diário dos Campos a adotar uma estratégia discursiva que representava a busca de um “consenso possível”.

A postura adotada por Hoffmann ganha sentido ao imaginarmos a dinâmica social encontrada em Ponta Grossa na década de 1930 a partir das observações postas por Pierre Mayol quando este trata das “táticas”, “comportamentos” e “benefícios simbólicos” que perpassam as relações que se estabelecem num “bairro”.²²

O bairro é, no entender de Mayol, por definição, o local onde os indivíduos são “reconhecidos”. A maneira como estes “se portam” tem origem nas tradições culturais pré-estabelecidas, as quais os remetem a práticas cotidianas estruturadas de modo a não provocar a ruptura de um contrato implícito que rege a coexistência do bairro e que se assenta em um “engajamento social”, compreendido aqui como a arte de convivência com parceiros (vizinhos, amigos, parentes, comerciantes, subalternos, concorrentes, etc.), todos ligados pelo fato concreto e essencial da proximidade e da repetição.

Ao renunciar determinadas atitudes isoladas ou individuais em nome de um “saber comportar-se”, o “usuário” (como classifica Mayol), contribui com sua cota para a vida coletiva, e assim, vincula-se a um contrato social a partir do qual é “reconhecido” e “considerado” por seus pares.

Esta construção é possível de ser aplicada integralmente a Ponta Grossa, cidade que na década de 1930 contava com uma população infe-

²¹ Depoimento oral em 13 de novembro de 1997.

²² CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**: 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis, Vozes, 1996.

rior a 40 mil habitantes, majoritariamente concentrada no perímetro urbano.²³

Ao escrever sobre a realidade de Ponta Grossa, na década de 1930, José Hoffmann deixou transparecer a existência de tensões e contradições na sociedade local. Tensões que se originavam exatamente na diversidade dos grupos sociais, cada qual buscando ampliar seus espaços no imaginário coletivo ponta-grossense.

Num contexto marcado pela pluralidade social e por uma multiplicidade de discursos e representações, destacava-se a produção discursiva do *Diário dos Campos*. Durante toda essa década o referido jornal publicou artigos que discutiam questões como: religião, política, imigração, nacionalismo, maçonaria, sindicalismo, comunismo, Integralismo, etc.. Os temas abordados no periódico, expostos de maneira polêmica e controversa, desvelaram diferentes visões de grupos que procuravam impor a sua definição de realidade, sempre dentro dos limites da “conveniência”²⁴ mencionada por Mayol.

Pode-se dizer que a opinião pública ponta-grossense foi influenciada, e influenciou, ao longo do período analisado, a simbologia e as mensagens que, implícita ou explicitamente, apareceram no discurso do *Diário dos Campos*.

A imagem de Ponta Grossa construída nas representações discursivas do *Diário dos Campos* é a de uma cidade ideal, na qual os problemas existentes tendiam a ser solucionados tanto por meio da atuação dos poderes constituídos como pelas ações individuais ou coletivas de membros da sociedade.

A estratégia discursiva adotada pelo *Diário dos Campos*, nesse momento histórico, foi a de encobrir as disputas existentes na pluralidade social de Ponta Grossa por meio de um discurso caracterizado por uma suposta neutralidade e pela busca de um “bem comum”.

No decorrer da década de 1930 o *Diário dos Campos* publicou regularmente notícias a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. Alternando notícias sobre o envolvimento dos integralistas na vida política

²³ De acordo com o Censo de 1920 a população de Ponta Grossa era de 20.171 pessoas. Pelo Censo de 1940 essa população atingiu a casa de 38.417 pessoas. Quanto a concentração populacional, a taxa de urbanização de Ponta Grossa na década de 1930 é a maior do Paraná, registrando a marca de 75%.

²⁴ Para Mayol, “conveniência representa, no nível dos comportamentos um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados.”

nacional e matérias que destacavam as ações dos “verdolengos” (denominação encontrada no jornal para os integralistas) no âmbito local, o periódico constitui-se num rico e indispensável fornecedor de informações a respeito do Movimento Integralista.

Entre 1935 e 1938 o Diário publicou mais de duzentos artigos tratando dos rumos do Integralismo em Ponta Grossa. Em função do grande número de artigos, e por compreender que “um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente”²⁵, adotamos a técnica de análise de conteúdo, seguindo a metodologia sugerida por Laurence Bardin²⁶.

O Tema: Integralismo²⁷

A maior parte das matérias a respeito do Integralismo publicadas pelo Diário dos Campos entre 1935 e 1938 foi assinada por José Hoffmann. Geralmente eram matérias de primeira página e precedidas por vistosas manchetes.

Hoffmann caracterizou-se por sua postura clara com relação ao Integralismo, reprovando-o em todos os seus aspectos, e ressaltando que só existia um mal maior que o Movimento Integralista:

Quem escreve essas linhas é um católico que, conquanto pouco assíduo, por força mesmo de suas árduas ocupações, às cerimônias da Igreja, jurou, jamais abandonar a religião de seus pais, e um católico que, cotidianamente, rende graças ao altíssimo com as preces que todo o cristão costuma fazer.
É também, o autor desse artigo, inimigo incondicional do comunismo, tanto que tem afirmado, com a mais vera das sinceridades, que antes preferirá vestir a camisa verde do que a camisa vermelha, si a sua Pátria chegasse um dia á situação cruciante em que se encontra a Espanha, e si nós, os brasileiros, tivéssemos a infelicidade de nos ver na contingência

²⁵ CARDOSO, Cyro & VAINFAS, Ronaldo. “História e Análise de Textos” *In Os Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 377.

²⁶ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

²⁷ Seguindo a orientação de Bardin, foram selecionadas frases idéias e formulações a respeito do Movimento Integralista, a partir do que, elaboraram-se “núcleos de sentido” que compunham a comunicação e que tiveram significado direto com o objeto de análise, neste caso o Integralismo.

de optar por um grande mal - o sigma - ou por um grande mal ainda maior - o bolchevismo.²⁸

Descendente de russos-alemães católicos, Hoffmann estudou em tradicionais escolas católicas de Ponta Grossa e São Paulo. As críticas mais intensas de José Hoffmann ao Integralismo são encontradas a partir de 1937, ano em que a Igreja Católica oficialmente assume uma postura contrária ao Integralismo e condena o envolvimento de seus fiéis com a doutrina do sigma. Outro elemento que distanciava Hoffmann do Integralismo era sua identificação pessoal com o liberalismo, modelo que antagonizava com as propostas integralistas. Apesar de falar em liberalismo e identificá-lo com democracia, o modelo liberal defendido por Hoffmann muito tem a ver com o liberalismo concebido pelos juristas da Escola de Direito de São Paulo²⁹, o qual é assim descrito por Lilian Moritz Schwarcz:

Reconhece-se no modelo paulista ‘um liberalismo conservador’ (Nogueira, 1977:67) mais próximo da reação posterior à Revolução Francesa, em que o conceito de liberdade aparecia condicionado à noção de ordem. Além do mais, como afirma Raimundo Faoro, apesar da influência anglo-saxônica, o liberalismo chega ao país ‘respingando bolor bragantino’, o que lhe conferiu uma imagem não só conservadora, como elitista e antipopular.³⁰

Portanto, ao afirmar que Hoffmann se contrapunha ao Integralismo, por meio da defesa de um ideal liberal, torna-se necessário compreender os limites desse liberalismo. Conceitos como os de ordem e respeito aos poderes constituídos configuram-se numa constante nos escritos de José Hoffmann e compõem sua noção de liberalismo.

O tratamento dispensado por Hoffmann ao Integralismo, caracterizou-se pelo uso de uma linguagem agressiva contra o Movimento e em alguns casos contra seus adeptos. Muitas vezes Hoffmann elogiou pesso-

²⁸ Diário dos Campos, 18 de março de 1937.

²⁹ Nestor Vitor ao visitar Ponta Grossa em 1913, afirmou que os hábitos e a mentalidade dos pontagrossenses assemelhavam-se muito mais aos dos paulistanos que propriamente aos dos curitibanos, devido a fácil ligação entre Ponta Grossa e São Paulo através da ferrovia. Hoffmann viveu e estudou na capital paulistana, onde por certo recebeu a influência direta de seu meio intelectual. Sendo assim, Hoffmann pode ser compreendido como um jornalista e um intelectual pontagrossense marcado pela influência do pensamento paulistano.

³⁰ SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 - 1930**. São Paulo, Cia. das Letras, 1993, p. 181.

almente determinados “sigmáticos”, lamentando a vinculação destes com o Sigma, como exposto nos exemplos a seguir:

É essa a explicação que julgamos de nosso dever dar aos integralistas de conduta elevada da cidade, cujas opiniões, si bem que contrarias ás nossas, não farão jamais com que procuremos obumbrar os seus méritos.³¹

A nossa Câmara Municipal, como é sabido, é formada por representantes de duas correntes políticas: o PSD e o Integralismo... Entretanto, dentro do conselho municipal, nenhum dos nossos edis tem revestido as suas decisões ou as suas atitudes com suas idéias políticas. Ao contrário, têm, todos eles, conforme já dissemos volvido as suas vistas tão só aos interesses públicos...³²

A isenção do Diário dos Campos aos integralistas locais era verificada sempre que o jornal tratava de pessoas de destaque na política e na sociedade local. As relações pessoais tinham o seu peso. Hoffmann convivía com muitos daqueles que eram objeto de seus escritos e isso repercutia em seu discurso. Assim, para criticar o Movimento Integralista adotava estratégias de modo a resguardar a imagem de muitos de seus integrantes.

Tal postura reforça a idéia de “conveniência”, anteriormente exposta, sustentada pelas questões relativas as relações de proximidade, repetição e reconhecimento a que se referiu Mayol, fazendo com que Hoffmann buscasse uma estratégia discursiva que não provocasse nenhuma ruptura no contrato implícito que regia a coexistência naquele determinado conjunto social.

A oposição contida no Diário dos Campos ao Integralismo partiu sempre de alguns princípios defendido por José Hoffmann:

Os integralistas desrespeitam a ordem social e as autoridades constituídas, elementos essenciais para o progresso do país;

- Governo Vargas já atendia às necessidades básicas da população, não havendo por que apoiar um Movimento que se propunha a fazer algo que já estava posto em prática pelo Estado;
- Integralismo era uma mera reprodução de modelos externos e portanto não representava desejos, necessidades e aspirações do povo brasileiro;

³¹ *Diário dos Campos*, 12 de março de 1937.

³² *Idem*, 27 de abril de 1937.

- A índole do brasileiro é pacífica, portanto, não se adequava às ações integralistas com base na força e na violência física;
- modelo pretendido por Plínio Salgado levaria o país a uma ditadura extrema, cerceando direitos e liberdades do povo;
- Os militantes integralistas são dotados dos piores valores possíveis: extremistas, fanáticos, violentos, agentes do nazismo, dados a conspiratas e ações reprováveis.

O Personagem: Plínio, “O Magro”³³

A figura de Plínio Salgado está visceralmente ligada ao Integralismo. Não há como pensar nos “camisas verdes” sem a figura daquele que concebeu e dirigiu o Movimento durante toda sua existência.

O físico exótico, o sotaque carregado típico do caboclo do interior de São Paulo, a personalidade polêmica, tornaram Plínio Salgado um dos alvos prediletos de colunistas e chargistas da década de 1930, os quais não cansaram de retratá-lo das formas mais irônicas. No Diário dos Campos o líder Integralista constituiu-se em figura central de inúmeros artigos, sendo a denominação de “Plínio, O Magro” uma constante quando o periódico se referia à ele.

Sobretudo a partir de 1937 o Diário dos Campos publicou inúmeros artigos atacando Plínio Salgado. Talvez pela existência de uma censura menos ostensiva por parte do Governo Vargas entre 1930 e 1936, foi possível encontrar alguns poucos comentários respeitosos direcionados a Salgado nas folhas do Diário. Exemplo disso, em outubro de 1935, quando este visitou Ponta Grossa. Mesmo não existindo uma aproximação política e ideológica entre Hoffmann e o Integralismo, tratava-se da visita de um provável candidato a sucessão de Vargas, e que despertava a simpatia de inúmeros ponta-grossenses.³⁴

A curta matéria publicada pelo Diário dos Campos não demonstra qualquer antipatia ao líder integralista, na qual ele é tratado como “ilustre patricio” e “conspícuo autor de O Estrangeiro”.

Tratamento bastante diferente o mesmo Plínio Salgado passou a receber a partir de 1937. O “ilustre patricio” passou a ser tratado com outros adjetivos não tão agradáveis, como: “astuto caboclo”, “imitador de

³³ Definiram-se atributos, termos e características que foram empregados e caracterizavam a figura de Plínio Salgado nas matérias publicadas pelo Diário dos Campos.

³⁴ Nota publicada no Diário dos Campos em 13 de outubro de 1935, com o título: “O Sr. Plínio Salgado realizou ontem uma conferência no Eden Theatro”.

Mussolini e Hitler”, “plagiador de doutrinas”, “Dulce botocudo”, entre outros tantos³⁵.

A partir de 1937, o Diário dos Campos publicou repetidamente um cartum³⁶ de Plínio Salgado, o qual foi geralmente impresso em destaque na primeira página do jornal, invariavelmente acompanhado de artigos que criticavam ao próprio Salgado ou ao Integralismo. Segundo René Barata Zicman:

Há uma linguagem específica da imprensa produzida pelo sistema global de informação, correspondente às diversas funções do jornalismo, e ligada ao próprio modo de produção jornalístico. Ela é composta por três elementos principais: a expressão escrita (textos, manchetes, ...), a expressão icônica (fotos, desenhos,...) e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pelas páginas do jornal).³⁷

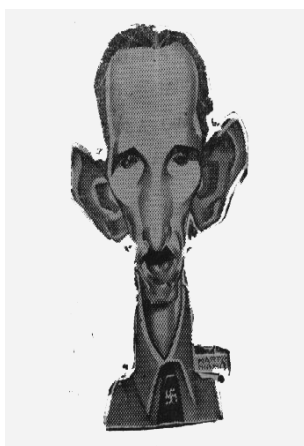
Tomando como referência a observação feita por Zicman de que a “expressão icônica” constitui-se numa das formas de a imprensa expressar-se a respeito de determinado objeto, tornam-se válidos alguns comentários a respeito do referido cartum de Plínio Salgado publicado no Diário dos Campos.

O cartum exagera nas características próprias a Plínio Salgado, dotando-o de um desproporcional par de orelhas, de uma testa e de um nariz absolutamente avantajados, que no conjunto contrastava com a magreza do rosto. Para arrematar o bigode no melhor estilo de Adolph Hitler e a suástica, propositalmente desenhada na gravata, tratavam de deixar sempre à mente do leitor do Diário dos Campos a aproximação ideológica entre o Integralismo e o Nazismo.

³⁵ Tais denominações encontram-se em vários artigos publicados no Diário dos Campos entre março de 1937 e junho de 1938.

³⁶ Segundo o Dicionário Aurélio, cartum é um desenho caricatural de expressão humorística ou satírica e que se destina à publicação em jornais ou revistas.

³⁷ ZICMAN, René Barata. “História através da imprensa - algumas considerações metodológicas” In **Revista História e Historiografia**. nº 4. São Paulo: EDUC, junho 1985, p. 91.



Ao mesmo tempo, o Diário dos Campos publicou uma figura de Getúlio Vargas, que de modo diferente do cartum do líder integralista, não explorara qualquer particularidade física do presidente brasileiro.



Segundo o cartunista Laerte Coutinho, a charge e o cartum não têm por objetivo criar um conceito a respeito do personagem que exploram, mas sim, firmar junto ao público-alvo uma imagem ou conceito já existente a seu respeito³⁸. Para Eliane Stefani, um cartum nada mais é que “um comentário gráfico a mais de um texto”. Na visão de Bruno Liberati, as ilustrações e cartuns “sempre serviram como elementos complementa-

³⁸ Depoimento dado ao Jornal Estadual da Rede Globo de Televisão, 09 de junho de 1997.

res das matérias”. Glauco Cruz afirma que as ilustrações, charges e cartuns visam a passar uma mensagem rápida e direta ao leitor.³⁹

Compreendemos que as posturas citadas exemplificam o caso do referido cartum de Plínio Salgado. Ao publicar o cartum (expressão icônica), o Diário dos Campos buscava uma maneira de reforçar os valores amplamente negativos, atribuídos ao líder Integralista nos textos que abordavam o tema (expressão escrita).

O Acontecimento: A Intentona Verde em Ponta Grossa⁴⁰

“A saia verde está na ponta da escada!!”. Esta teria sido, segundo notícia publicada no Diário dos Campos, a senha utilizada pelos integralistas de Ponta Grossa e região dos Campos Gerais para deflagrar a Intentona Integralista na cidade, ocorrida em março de 1938.

O Diário dos Campos deu grande destaque ao levante integralista e em especial as ações dos camisas verdes em Ponta Grossa entre março e junho de 1938, período que compreende a deflagração da intentona, a repressão ao movimento, a prisão dos envolvidos na sedição e a condenação de meia dúzia de integralistas locais.

De acordo com as notícias contidas no periódico ponta-grossense, cerca de 50 camisas verdes de Ponta Grossa e região foram presos pelas autoridades locais. Depois de 10 de março, dia da malograda ação, o Diário dos Campos publicou artigos que devem ter causado um grande pânico em seus leitores, dando conta das escaramuças integralistas na cidade.

A 12 de março, o artigo “Conspiratas Integralistas”, os camisas verdes de Ponta Grossa são acusados de reunirem-se secretamente em determinados pontos da cidade para planejar a conspiração. Em 17 de março, outro artigo afirma que os integralistas locais percorreram toda a região dos Campos Gerais nos dias que antecederam a Intentona, na busca de adeptos da causa integralista.

Ao iniciarem-se as prisões dos integralistas envolvidos no movimento, José Hoffmann reafirmou seu apoio às atitudes das autoridades, sustentando que era necessário que ocorressem as prisões para que cessassem de vez as “conspiratas” e as “quarteladas” promovidas pelos integralistas.

³⁹ Depoimentos contidos no artigo “O renascimento das ilustrações”, publicado no **Jornal da Associação Nacional de Jornais** nº 49. Brasília, 1991.

⁴⁰ Para Bardin, batalhas, greves ou qualquer outro episódio que se destaque no contexto analisado e que funcione como um microrrecorte do objeto pode ser analisado.

Ao envolverem-se com a ocorrência da Intentona em Ponta Grossa, essas pessoas romperam com o conceito de “conveniência”, com os “códigos de cortesia” predominantes. A partir desse momento, o “reconhecimento” dos mesmos no ambiente social vem acompanhado de valores negativos.

Estes são apenas alguns dos exemplos de artigos publicados pelo jornal *ponta-grossense* quando da ocorrência da Intentona Integralista de 1938.⁴¹

Considerações Finais

Depois de percorrido o caminho do *Diário dos Campos* ao tratar do Integralismo em Ponta Grossa na década de 1930, faz-se necessário retomar algumas idéias contidas neste artigo, com objetivo de melhor interpretar os posicionamentos assumidos pelo referido jornal.

Laurence Bardin escreveu que toda forma de comunicação é suscetível a “análise de conteúdo”, porém, tal análise só ganha real sentido ao considerar a situação conjuntural em que está inserida tal produção, ou nas palavras de Bardin: as “condições de produção do discurso”.

A conjuntura encontrada em Ponta Grossa na década de 1930 é de uma cidade ainda provinciana, onde as relações pessoais - de proximidade e repetição -, eram decisivas na adoção de posicionamentos políticos e nos discursos emitidos por José Hoffmann no *Diário dos Campos*. Mesmo que desejasse, as críticas ao Governo Federal e às autoridades constituídas eram limitadas ou impedidas pelo sistema de censura existente no país na década de 1930.

Portanto, ao se considerarem tais “condições de produção do discurso”, e levando-se em conta que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pela técnicas de análise de conteúdo”⁴², concluímos que:

- 1- O discurso produzido pelo *Diário dos Campos* representou a busca de um consenso possível, uma vez que criticou o Integralismo enquanto movimento e ideologia, mas ao mesmo tempo isentou diversas pessoas vinculadas ao núcleo integralista local. A explicação para tal postura encontra-se em con-

⁴¹ As notícias que contém informações sobre a Intentona Integralista em Ponta Grossa, podem ser encontradas no **Diário dos Campos** (Acervo do Museu Campos Gerais), mas por motivo de espaço não estão explicitadas neste artigo.

⁴² BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, p. 32.

ceitos como os de “conveniência”, e de “benefícios simbólicos”, apresentados por Mayol e abordados no decorrer deste texto.

- 2- Ao buscar um “consenso possível”, o Diário dos Campos, principalmente por meio de José Hoffmann, deixou transparecer a existência de tensões e contradições existentes na sociedade ponta-grossense da década de 1930 - como as manifestações e ações dos integralistas locais -, as quais originaram-se a partir da diversidade dos grupos sociais presentes, cada qual buscando ampliar seus espaços no imaginário coletivo ponta-grossense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACZKO, Branislav. “Imaginação Social” In RUGGIERO, Romano (dir). **Enciclopédia Enaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O Controle da Opinião e os Limites da Imprensa Paulista 1920 – 1945” In **Revista Brasileira de História**, v. 2, nº 23-24, São Paulo, ANPUH/Marco Zero - set. 91 - ago. 92.
- CARDOSO, Cyro F. & VAINFAS, Ronaldo. “História e Análise de Textos” In **Os Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- CHAVES, Niltonci Batista. **O Diário dos Campos: Discursos e Representações Sociais em Ponta Grossa (Paraná) - Década de 1930**. Assis, 1998. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade), UNESP.
- CURY, Carlos Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira. Católicos e Liberais**. São Paulo: Cortez, 1988.
- GONÇALVES, Maria A. C. & PINTO, Elisabete A. **Ponta Grossa: Um Século de Vida 1823 - 1923**. Ponta Grossa, Kugler, 1983.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos. O Breve Século XX - 1914 - 1991**. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
- MICELLI, Sérgio. “1935 - 1937: A Igreja e o Debate Ideológico” In FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, DIFEL, 1985.

- SALGADO, Plínio. **Livro Verde da Minha Campanha**. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1956.
- SANTOS, Nestor Vítor dos. **Terra do Futuro (Impressões sobre o Paraná)**. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.
- SCHWARZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 - 1930**. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
- SOUZA, Francisco Martins de. "O Integralismo" *In* **Evolução do Pensamento Político Brasileiro**. São Paulo, Editora da USP, 1989.
- SZVARÇA, Décio & CIDADE, Maria Lúcia. "1955: O Voto "Verde" em Curitiba" *In* **História: Questões & Debates**. Curitiba, APAH, Jun-Dez, 1989.
- ZICMAN, Reneê Barata. História Através da Imprensa - Algumas Considerações Metodológicas. In: Revista História e Historiografia nº 4. São Paulo: EDUC, Jun, 1985.

RESUMO

“A saia verde está na ponta da escada!”: as representações discursivas do *Diário dos Campos* a respeito do integralismo em ponta grossa

Este artigo busca estudar as representações sociais a respeito do Integralismo, produzidas por meio das estratégias discursivas do Jornal Diário dos Campos de Ponta Grossa - PR, na década de 1930. Também discute as interpretações da historiografia a respeito do Movimento Integralista quanto as suas origens e relações no conjunto social no qual se inseria.

Palavras chave: Integralismo, Diário dos Campos, representações discursivas.

ABSTRACT

“A saia verde está na ponta da escada”: *Diário dos Campos* discursive representations about Integralism at Ponta Grossa

This article studies the social representations regarding Integralism, produced by “Diário dos Campos”, from Ponta Grossa - PR, in the 30’s. It also discusses historiographical interpretations about “Movimento Integralista”.

Key-words: Integralism; “Diário dos Campos”; discursive representation.